



# Os Perigos de uma Trajetória Única para as Cidades Amazônicas

The Dangers of a Single Trajectory for Amazonian Cities

*Luna Bibas, PPGAU-UFPA, lbbibas@gmail.com.*

*Ana Cláudia Cardoso, FAU/PPGAU-UFPA, aclaudiacardoso@gmail.com.*

## ***Dados dos autores***

*Luna Bibas - Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPA.*

*Ana Cláudia Cardoso - PhD Oxford Brooks, Professora Associada UFPA-PPGAU, Bolsista Pq/CNPq.*

## Resumo

Este texto aborda o caso da cidade ribeirinha de Afuá-PA (Veneza Marajoara). A partir do qual compreende-se que métricas e sistemas de avaliação (como IDH e IBEU) são pautados por uma agenda de pesquisa vinculada aos setores produtivos e sob o viés hegemônico. A cidade exemplifica uma trajetória diferente da visão de desenvolvimento estabelecida no Brasil. Tal desenvolvimento é definidor de políticas públicas que induzem a conversão dos espaços tradicionais em espaços pautados pela lógica moderno-industrial. Em Afuá uma série de ações desenham uma trajetória única e incompleta que invisibiliza os seus potenciais. Essa típica cidade periférica estimula a dimensão coletiva, garante uma experiência cotidiana aprazível, apesar dos problemas urbanos que enfrenta e demonstra a necessidade de formulação de novas métricas e novos conceitos para não precisar abrir mão de sua história e de sua identidade.

**Palavras Chave:** cidade ribeirinha, desenvolvimento, trajetória única, urbano na Amazônia.

## Abstract

This text addresses the case of the riverside town of Afuá-PA (Venice of Marajo). From which it is understood that metrics and evaluation systems (such as IDH – Human Development - and IBEU – Well-Being in Urban Environment Index) are guided by a research agenda linked to the productive sectors and under the hegemonic bias. The city exemplifies a different trajectory from the vision of development established in Brazil. Such development is the definer of public policies that induce the conversion of the traditional spaces into spaces guided by the modern-industrial logic. In Afuá a series of actions design a unique and incomplete trajectory that invisibilizes its potentials. This typical peripheral city stimulates the collective dimension, guarantees a pleasant daily experience despite the urban problems it faces and demonstrates the need to formulate new metrics and new concepts so that it does not have to give up its history and its identity.

**Keywords/Palabras Clave:** city on stilts, development, single trajectory, urban in Amazon.

## INTRODUÇÃO

**A** busca de inovação a partir de ciências exatas e naturais se constituiu em uma zona de conforto para as ciências no século XX, talvez pela possibilidade de um controle mais rígido de variáveis que elas oferecem ou da aplicação de métricas de avaliação universal (ex.: geração de energia ou transformação da matéria). Esse tipo de linha de ação fortalece as agendas hegemônicas que acompanham os paradigmas de desenvolvimento das sociedades assumidas como centro, que controlam o fomento à pesquisa, e que fazem com que alguns temas sejam muito mais investigados do que outros, ou que algumas áreas de conhecimento ou circunstâncias de vida sejam tratadas como verdadeiros pontos cegos, dada a sua natureza atípica ou a indesejável complexidade que envolvem (ex.: sociais, ambientais, tecnológicas, institucionais).

Boaventura Santos (2008) discorre sobre o modo como as ciências exatas regem o paradigma científico dominante e como o avanço nessas áreas também resulta na crise desse mesmo paradigma. O autor relaciona a ciência à indústria, tanto pelo fato de a indústria servir de suporte/agente financiador da ciência, como também pela própria industrialização da ciência, que tornou os países centrais os sujeitos da decisão das prioridades científicas: “[...] a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas.” (Santos, 2008, p. 57)

Outro desafio que a pesquisa e as instituições de pesquisa internacionais tem atravessado é a busca destas por excelência dentro de uma agenda hegemônica; segundo Stilgoe (2014), esta busca tem atrapalhado a investigação sobre como avançar no enfrentamento dos problemas reais e a captação de recursos e direcionamento dos mesmos têm gerado cada vez menos pesquisas comprometidas

com a solução dos problemas que atingem a maior parte da população mundial. Para esse autor há a necessidade de se discutir quais caminhos a ciência deve tomar, diante da sua inoperância frente às questões sociais, e à demanda por interdisciplinaridade e diversidade na ciência.

Limonad (2013) utiliza a palestra de Chimamanda Adichie (2009) para salientar os perigos de se contar uma história única, e ressalta como o Brasil direciona sua política a partir de uma única ideia de desenvolvimento, apesar de sua constituição multifacetada, por regiões/culturas múltiplas. A autora destaca os perigos subjacentes ao poder de decidir por uma única narrativa:

“O poder, portanto, além de ser a habilidade de contar uma história, como salienta Chimamanda Adichie (2009), é também a capacidade de torná-la a versão definitiva, ou ainda, a capacidade de transformar uma teoria em dogma, em ideologia, ou vice-versa, através da manipulação do discurso lógico. Constrói-se, assim, uma representação da realidade, que se pretende verdadeira e única, sem embargo existam outras possibilidades de interpretação. Mediante representações e estereótipos o pensamento hegemônico se imiscui no cotidiano, atravessa as diversas esferas da vida e da reprodução social e, como, não poderia deixar de ser permeia e contamina o próprio conhecimento científico.” (Limonad, 2013, p. 126)

As ideias de Adichie (2009) mostram que histórias únicas são utilizadas para o enfraquecimento da cultura de um povo. Não obstante, Maricato (2000) nos ilumina com ideias semelhantes ao demarcar o lugar dos excluídos frente aos planos assentados em ideias modernistas/funcionalistas que contemplam apenas uma parcela da população, no livro “A Cidade do Pensamento Único”, onde critica o planejamento urbano subordinado também aos setores produtivos e comprometido com o desenvolvimento e com o que ela denomina de “cidade legal”, ignorando a “cidade ilegal”, que manifesta na periferia da metrópole, mas também na periferia do país.

A busca de comparações entre tempos históricos e localizações geográficas distintas, levou as ciências sociais aplicadas a recorrerem a indicadores sociais, compostos a partir da expectativa de universalização de direitos, mas que eventualmente também podem ser interpretados como instrumentos para a realização das expectativas de conversão de formas de vida e modos de produção, como acontece quando as áreas periféricas são avaliadas pelo que é estabelecido como parâmetro “universal” nas áreas centrais.

Afuá foi assumida como estudo de caso por ainda ser uma cidade construída sobre estivas, localizada no arquipélago do Marajó, próximo a Macapá, ainda está completamente subordinada as marés dos rios Afuá, Marajozinho e Cajuuna. Seus únicos meios de transporte são a bicicleta e o barco, o que dificultou a conversão dessa cidade ribeirinha em cidade de beira de estrada, seguindo tendência que se estabeleceu na região desde a integração econômica e rodoviária da Amazônia ao país (a última das sucessivas colonizações sofridas pela região). Essa limitação também tem afetado as suas possibilidades de crescimento e expansão e de acesso às tecnologias correntes de saneamento, mas tem preservados o caráter público coletivo do seu sistema de estivas (ruas) e praças, e seu relacionamento peculiar com a base biofísica (a várzea de rio).

Nesse artigo parte da caracterização de processos sócio-espaciais e ambientais observados em Afuá, para alimentar uma reflexão sobre o que seria desenvolvimento urbano naquele contexto, assumindo como fato concreto a divergência entre o atraso apontado por indicadores oficiais, ou pela opinião de profissionais que não têm raízes no lugar, e a percepção cotidiana da população na

vivência da cidade. Afuá conta com um IDH (Índice de Desenvolvimento Humanos) de 0,489 (PNUD, 2016), este IDH, faz de Afuá uma das 25 piores cidades brasileiras sob os aspectos de renda, educação e saúde. Embora a população tenha acesso a saúde e educação e consiga gerar renda de forma não assalariada, a partir da associação de uma série de atividades tradicionais que abrangem desde a extração de açaí, pesca do camarão, agricultura familiar, pecuária, prestação de serviços, além do vínculo a uma rede ativa de solidariedade que viabiliza a sobrevivência digna de toda a população.

O IDH é um dos indicadores do Programa de das Nações Unidas para o Desenvolvimento que desenvolve o Relatório de Desenvolvimento Humano, mas que história da cidade este instrumentos apresenta? De que forma ele tem contribuído para a captura dos problemas criados pelas práticas de exploração de recursos naturais que acontecem fora do território da cidade, e que impactam diretamente nas condições de vida da sua população? Exemplo: a falta de fiscalização na exploração da madeira no arquipélago do Marajó, tem encarecido esse material e justificado a introdução de mudanças de sistema construtivo das casas, e a conversão de uma cidade construída sobre palafitas a uma nova formatação urbano-industrial que passa a distinguir as pessoas e gera desigualdade.

O saber do morador local deixou de ser suficiente para a produção da moradia, novos profissionais recém-chegados à cidade (um engenheiro e um arquiteto) militam na difusão do uso do concreto e da alvenaria, em busca da superação do atraso de Afuá. Segundo um indicador mais específico, o IBEU (Índice de Bem-Estar Urbano), Afuá está entre os 370 piores municípios brasileiros, considerados aqui: infraestrutura urbana, atendimento de serviços coletivos urbanos, condições habitacionais urbanas, condições ambientais urbanas e mobilidade urbana (IBEU, 2013). Embora a estruturação da cidade sobre estivas crie uma isonomia que permite a qualquer pessoa acessar qualquer espaço da cidade. Não há prioridade de qualquer veículo motorizado sobre pedestres e ciclistas, o que também irrita profundamente os forasteiros empreendedores.

É preciso reconhecer que os estudos urbanos pautaram-se pela mesma agenda de prioridades internacionalizada, que direcionou tanto a prática da profissão quanto a pesquisa, os métodos e os atributos referentes à eles, assim como abordagens de pesquisa se introduzem no Brasil, sem adaptações, e particularmente sem a compreensão de como múltiplas determinações se relacionam na região Amazônica. Nessa perspectiva emerge a pergunta sobre o quanto a formação profissional de engenheiros, advogados, arquitetos, assistentes sociais, sociólogos, geógrafos, economistas, os têm preparado para atuar em contextos periféricos como a Amazônia ou mesmo na favela das grandes metrópoles brasileiras?

O debate sobre urbanização no Brasil não tem levado em consideração a discussão das teorias do pós-colonialismo, difundidas na Califórnia e África do Sul. Desse modo vários processos endógenos podem ser mantidos invisíveis, confusos e sem definição real, escondidos nas sombras de dinâmicas exógenas. Assim, os próprios instrumentos de medição relacionados ao desenvolvimento, ao bem-estar urbano, bem como definições sobre o formal e o informal e o modo como o poder público lida com essas questões deveriam ser discutidos. O presente trabalho tem finalidade de discutir a pertinência desses instrumentos para análise de cidades como Afuá.

A partir desse estudo de caso exploratório, procura-se avançar na compreensão do quanto as formas de viver tradicionais e vernáculas são vistas como legítimas ou como formas de resistência às

determinações de políticas genéricas e de inúmeras formas de integração (ex.: econômica, de acessibilidade, de alcance de veículos de comunicação) que introduzem novos elementos à experiência cotidiana do lugar que tanto geram alienação das novas gerações a respeito das suas próprias origens, quanto introduzem elementos para a criação de novas manifestações materiais e culturais para solucionar problemas enfrentados pela população. Como seriam os posicionamentos de políticas e a atuação técnica se Afuá e sua população estivessem no centro do sistema? Como seria uma agenda de pesquisa voltada para o atendimento das necessidades da população e para o relacionamento desta com a natureza?

Abre-se nesse ponto uma encruzilhada: em uma direção estaria o tratamento da área como uma fronteira de conversão à racionalidade e ao modus operandi moderno industrial, e na outra o apoio à inovação baseada no saber e nas práticas consolidadas na região (agregação de trabalho novo ao trabalho velho defendida por Jacobs (2001), mas que demandam uma completa mudança na agenda tecnológica e de formulação de políticas públicas.

Pelas características da cidade e o modo como a população ribeirinha vive nessa aglomeração se torna mais difícil abordá-la por meio de concepções hegemônicas que normalmente assumem o modo de vida em cidades convencionais como referência. Alguns teóricos sustentam uma teoria única e comum sobre o urbano, partindo da capacidade do capital se articular globalmente a todos os pontos do território (Brenner, 2014), outros sustentam a necessidade de uma abordagem específica para o sul global, que leve em consideração as especificidades locais e sua inserção na economia global, criticando a importação de teorias generalistas (Watson, 2009). Partindo da tensão entre esses dois polos, busca-se discutir mediações necessárias entre tecnologias e o modo de vida da população de Afuá

Via de regra, as avaliações negativas expressas pelos indicadores oficiais focam nas deficiências de acesso a serviços, infraestrutura física e social e de oportunidades de geração de renda dentro de uma plataforma que assume o trabalho assalariado como regra, apontando a clara vinculação dos processos de urbanização às trajetórias sustentadas pela indústria. Essa orientação faz com que as áreas já convertidas, ou em estágio mais avançado de conversão ao paradigma moderno industrial, e à forma como a financeirização vem transformando a produção da cidade em um negócio, sejam assumidas como melhores do que outras, onde condições ambientais e de urbanização foram definidas segundo paradigmas considerados obsoletos pelas práticas contemporâneas, mas que podem ser bem sucedidos há gerações na região, mas não compreendidos pelas métricas de avaliação desenvolvidas no Norte Global ou na região sudeste do Brasil.

O quanto desses indicadores capturam das nuances da transformação em curso na região? O que torna um modo de vida pior ou melhor do que outro? Até que ponto a leitura dos processos urbanos, descolados dos processos rurais, e dos padrões de urbanização e de dependência de dinâmicas industriais podem ser dissociados na avaliação de casos localizados em contextos periféricos, como o de Afuá, e de tantas outras pequenas cidades amazônicas?

## Afuá, a Veneza Marajoara

Afuá é um município antigo estabelecido no arquipélago do Marajó há 126 anos. A localização estratégica do município cortado pelos rios Afuá, Cajuuna e Marajozinho, transformou sua sede em parada de apoio às rotas de navegação pelo estuário amazônico, praça de comércio e troca de mercadorias, tanto entre os comerciantes, quanto entre os ribeirinhos e os comerciantes (ver figuras 1 e 2).



Figura 1 - Rede de Cidades que relacionam-se frequentemente com a dinâmica urbana de Afuá. Fonte: Google Maps, 2016. Elaboração: Luna Bibas, 2016.

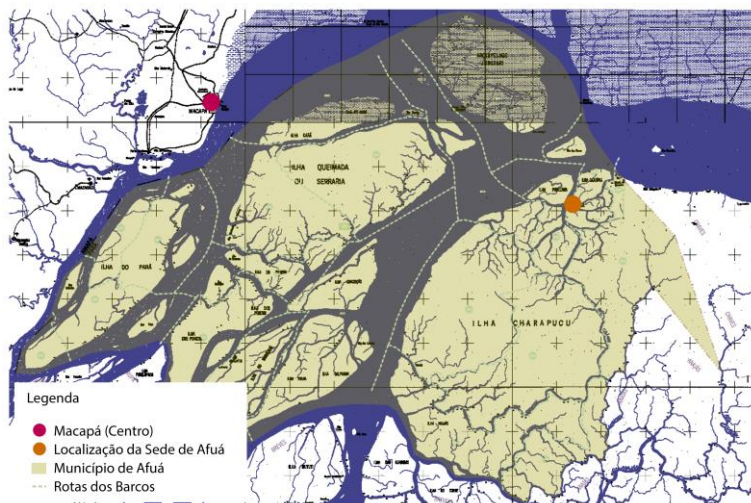


Figura 2 - Localização da sede em relação ao município de Afuá em sua totalidade. Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: Luna Bibas, 2016.

Afuá era mais uma cidade típica amazônica, isolada e de pequeno porte, que viabilizava a drenagem dos produtos da floresta pela metrópole, essa condição ordinária não gerou muitos registros documentais sobre a sua formação da cidade e suas inovações tecnológicas. Apenas na última

década a forte subordinação da estrutura espacial e do modo de vida ao regime das águas (pesca, navegação, banho de rio, lançamento de dejetos) motivou inúmeras pesquisas nos campos da arte, da cultura, do paisagismo e da preservação (Corrêa Neto; Medeiros, 2015; Dias; Silva, 2011; Neves; Miranda, 2013; Palheta; Rodrigues, 2012) sem que no entanto as transformações em curso sejam observadas sob o ponto de vista da disputa de diferentes racionalidades (ou paradigmas de desenvolvimento) que operam na região, e que podem levar ao desvanecimento de sua forte identidade cultural e paisagística.

Pesquisa de campo realizada na cidade, baseadas no uso de etnometodologias (entrevistas gravadas com pessoas de idades e posições diversas dentro da comunidade, observação e visitas de áreas de interesse) permitiram a identificação de alguns temas para caracterização das contradições entre visões de mundo e de desenvolvimento claramente expressas em Afuá. Tais temas seriam: relação urbano rural, a produção do espaço, as formas de apropriação do espaço público, a gestão da cidade, cada um deles será apresentado a partir de pelo menos duas visões diferentes - a local e a exógeno, registros fotográficos ou cartografia e fragmentos dos registros orais.

### **RELAÇÃO URBANO-RURAL**

A lógica urbana (industrial moderna) criou um processo de urbanização extensiva em áreas que há décadas eram vistas como essencialmente rurais (a várzeas de rio, ilhas, fazendas e sítios). Esse processo reorganizou o território e redefiniu o papel da cidade afastando-a das práticas tradicionais, na medida em que ela passou a se articular às dinâmicas do modo de produção capitalista. Durante o período em que as atividades extrativas estavam a todo vapor houve alguns desdobramentos que merecem atenção: a cooptação da elite, o reforço da transição do valor de uso para o valor de troca da terra rural ou urbana, a difusão do consumo de produtos industrializados ou beneficiados.

A geração de renda foi facilitada enquanto as atividades extrativas puderam ser operadas em escala industrial (exploração de palmito e de madeira), houve a progressiva ocupação da mão de obra ribeirinha nessas atividades e sua liberação posterior com o desaparecimento dos produtos explorados devido à carência de técnica de manejo adequado. Com isso a mão de obra ribeirinha passou a viver das políticas de transferência (Bolsa Família), migrou para a cidade abandonou o extrativismo tradicional de várzea, que dominava, tornando-se uma mão de obra desqualificada sob a ótica da cidade. Enquanto isso as elites urbanas detiveram a posse da terra e maior facilidade de acesso ao poder político ou aos empregos públicos, que viabilizam salários mesmo em contexto de estagnação econômica.

As mudanças no uso da terra e nas formas de produção, introduziram na região a ideia do progresso e do atraso, do moderno e do ultrapassado, do formal e do informal. Sendo o “progresso”, “moderno” e “formal” o modo de vida aos moldes da produção da indústria globalizada, assumido como “o correto” pela elite. Assim: “Não por acaso o termo desenvolvimento é associado a ideia de modernidade, de progresso e de processo civilizatório. Todos estes processos, modernização, civilização, etc. dizem respeito às necessidades impostas para a reprodução hegemônica, qual seja a do capital.” (Limonad, 2013, p. 131).

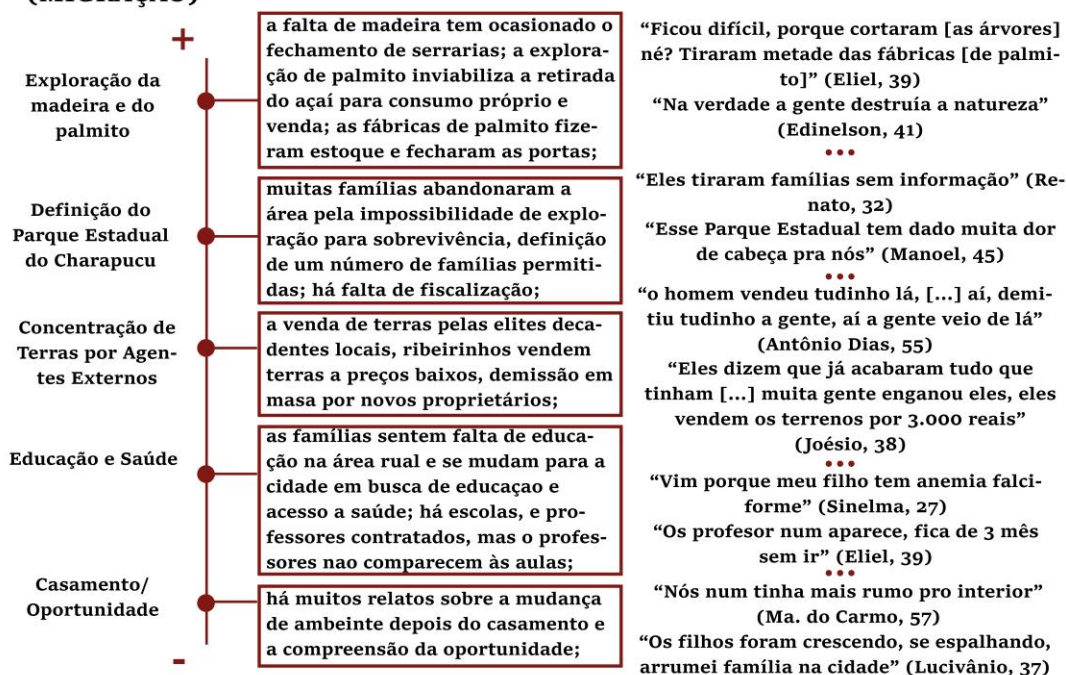
A chegada de atividades econômicas que exploram a natureza foi acompanhada de políticas de conservação, com a iniciativa de criação do Parque Estadual do Charapucu, que também promoveram o deslocamento da população desse território para a cidade. A política de preservação não entende que existam atores para os quais ela não faz sentido, porque os habitantes tradicionais (ribeirinhos) sempre viveram de forma harmônica com a natureza. Tantas mudanças criam a percepção de que é preciso educar os filhos e procurar melhor atendimento para os problemas de



saúde, que começam a emergir a partir dos novos hábitos e condições de vida, e isso também leva à decisão do ribeirinho de se transferir para a cidade. Uma vez dentro da educação formal, os jovens são orientados para procurar trajetórias de geração de emprego e renda tipicamente urbanas, negando a origem ribeirinha e desperdiçando o saber acumulado por gerações sobre como retirar o sustento da várzea.

As possibilidades de construção de cidadania passam pelo abandono da identidade ribeirinha, pela adoção de uma nova forma de viver, que não adere completamente às possibilidades dadas. O quadro 1 sintetiza os resultados dos relatos e mostra que se no passado a razão para migrar era o casamento, atualmente os novos fatores elencados acima, são cada vez mais razão para a migração rural urbana, ainda que pouca conexão de causa e efeito seja percebida localmente.

### RELAÇÃO URBANO-RURAL (MIGRAÇÃO)



Quadro 1 - Cruzamento entre as informações de migração e a expansão urbana do bairro Capim Marinho, através das entrevistas colhidas. Elaboração: Luna Bibas, 2016.

### PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

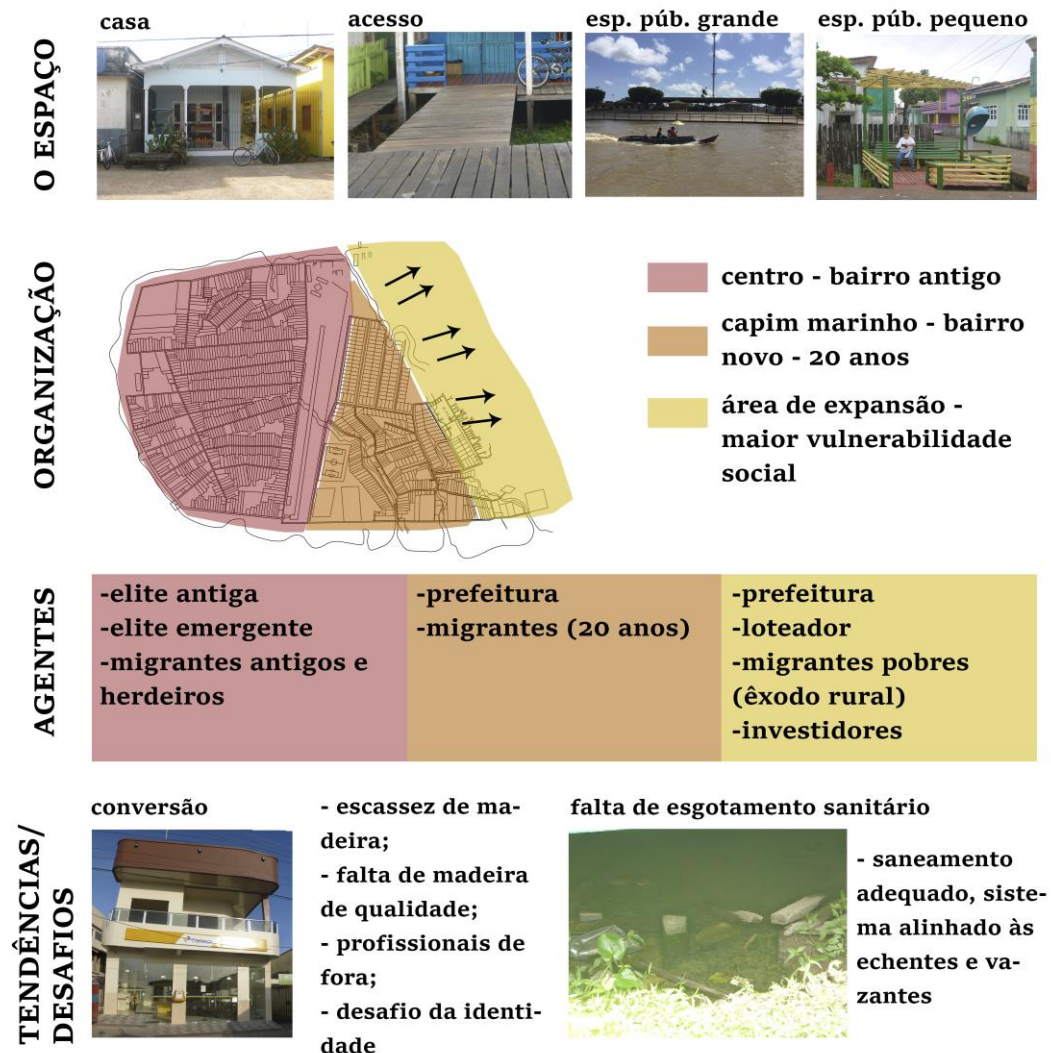
À transição econômica e demográfica corresponde uma transição no modo de produção do espaço urbano, que resulta em um estranhamento recente sobre as circunstâncias espaciais que sempre foram consideradas satisfatórias localmente. O espaço de produção endógena é construído sobre palafitas mas é formal, mas quando é visto pelos olhos dos agentes externos (forasteiros) é associado à informalidade e precariedade das metrópoles. Os técnicos contratados por meio de concurso para a Prefeitura Municipal, oriundos dos grandes centros creem que precisam modernizar a cidade, substituindo a madeira por alvenaria, sem desconfiarem do alcance desse posicionamento.

O discurso que deslegitima as práticas populares de produção do espaço vem resultando na sua metamorfose para formas mais “adequadas” de construção deste espaço em uma linguagem estético-formal homogeneizada, transformando as práticas locais unicamente em produtos consumíveis para o turista (Mesquita; Brandão 2016), monofuncionalizando as práticas tradicionais, que são instrumentais ao modo de vida desta população.

Gradativamente, ocorre uma mudança na concepção da população local, que a partir dos programas de televisão, passou a associar as cidades às paisagens veiculadas a partir das metrópoles, onde o trânsito de carros, as ruas e calçadas expressam uma ideia de desenvolvimento, modernização, evolução e civilização. Na perspectiva de quem olha da periferia, se veem como atrasados também nisso, confundindo suas estratégias históricas de organização fundiária a partir da posse (todas as terras são de marinha), o uso da madeira de lei (mais durável que a alvenaria de má qualidade) e a vitalidade dos espaços públicos compostos pelas estivas e decks com espaços subalternos, não planejados. Não bastasse a escassez, o corte prematuro da madeira, impede que esta atinja o ponto de maior resistência, e reduz sua durabilidade. O custo da madeira de boa qualidade tem contribuído para a transição tecnológica, embora grande parte da população ainda prefira a madeira por conta do clima e mescale os dois materiais. Os relatos de recalque de estrutura ainda não têm sido levados em consideração pelos profissionais responsáveis.

O quadro 2 mostra algumas unidades morfológicas típicas da cidade, a palafita, a estiva, o espaço público, que respeitam o terreno e demonstram grande adequação aos regimes da natureza tanto em relação às marés quanto ao clima quente e úmido. A cidade possui espaços públicos diversificados que atendem toda a população. A margem do rio é o espaço público por excelência. Multifuncional, promove o lazer, a sociabilidade e é instrumental para a população realizar suas atividades domésticas. Todas essas características constituem a identidade de Afuá.

## A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Quadro 2 – Esquema com os atores e a produção do espaço urbano de Afuá PA, sua conversão a partir da visão do profissional que vem de fora e os desafios com saneamento que a cidade atravessa. Fonte: Acervo da Autora, 2016; Prefeitura Municipal de Afuá, 2016. Elaboração: Luna Bibas 2016.

A população mais antiga reclama que a cidade esquentou, após a substituição de estivas de madeira por passarelas de concreto, e a derrubada das árvores no centro da cidade. Esta conversão tem acontecido rapidamente e já atinge os prédios da “frente da cidade”, ou seja, da orla. Muitas edificações já são construídas hoje em cima de sapatas/pilares de concreto e alvenaria, seguindo a “nova mentalidade” difundida pelos funcionários da prefeitura formados na capital.

O argumento mais usado para justificar a conversão tecnológica é a escassez generalizada de madeira no município, decorrente dos processos já abordados na relação urbano-rural. Outro apoio para a mudança é a atuação profissional do arquiteto da prefeitura que projeta os prédios e privados de grande porte, e difunde um código estético-formal moderno, que difere bastante do que já existe, e na medida em que vem sendo difundido na frente da cidade, onde estão as edificações

maiores e mais importantes da cidade. Esse tratamento genérico, está descaracterizando a paisagem da frente de Afuá, comprometendo seu reconhecimento pelo viajante. A ação do arquiteto, que esconde os telhados e produz casas de alvenaria de dois pavimentos pintadas em tons pastéis (ver quadro 2) está tornando a cidade igual a outras do arquipélago, consideradas mais prósperas se olhadas através da racionalidade moderna industrial.

A população do centro da cidade é composta por uma elite antiga tradicional e por uma elite emergente. A elite tradicional vem perdendo espaço para a elite emergente que já é proprietária de várias residências e tem a crença de que a alvenaria é mais durável do que a madeira de lei. A elite tradicional tem vendido os seus bens para alavancar recursos para reinvestimentos na produção em larga escala do açaí e na manutenção dos seus herdeiros nas capitais (para formação superior em profissões tipicamente urbanas – advogados, médico e engenheiro).

O bairro do Capim Marinho (marcado em amarelo no quadro 2) era área de posse de uma das famílias tradicionais de Afuá, que foi ocupada por migrantes, em um processo de expansão da cidade. A posse dessas terras foi regularizada pela prefeitura, mas como a maior parte de seus moradores é de baixa renda, as estivas são de madeira e com manutenção menos regular, o bairro é socialmente marginalizado, e também catalogado como assentamento precário pelo IBGE.

#### **APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

O debate internacional sobre a cidade contemporânea tem evidenciado a importância dos espaços públicos, da escala humana da cidade, da mistura de usos para a apropriação social da cidade (Jacobs (2011), Alexander (2013), e Lynch (1999)). Esses atributos são muito favorecidos pela estrutura espacial de Afuá. A universalidade do acesso às estivas, mantém as praças sempre movimentadas, em todos os horários do dia e parte da noite, e contribui para a integração e socialização da população.

A transição público-privada gerada pela configuração das casas também favorece o contato e a permanência das pessoas, através da tipologia avarandada ligada à estivas que conectam a casa à estiva principal (rua) que podem ou não conter portões. Sempre existe o contato visual, que favorece a troca e a solidariedade entre os munícipes.

A solidariedade é manifesta na colaboração mútua entre os moradores, principalmente do ponto de vista econômico, na comunicação que permite a indicação de uma pessoa para uma vaga de trabalho, uma cozinheira, ou um motorista de bicitáxi, um barqueiro, e outras especialidades. Esse contato próximo favorece o uso da criatividade para seu sustento, tanto no cotidiano da população como em alguns aspectos da gestão, a figura 3 há um bicitáxi - um quadriciclo movido a correntes e pedal, e um carro feito de madeira, também movido a pedais que desfila pela cidade, sem contar na valorização dos pintores dos edifícios, que conferem um ar alegre e único à cidade.

As praças têm espaço suficiente para atividades de complementação de renda (instalação de equipamentos para crianças, barraquinhas de comida, banquinhas de comidas e bugigangas, etc), encontro, espaço para festas e grandes eventos que envolvem a comunidade como as festividades (Círio, Festival do Camarão e a Festa da Padroeira). Espaços para prática de esporte também estão espalhados pela cidade, e culminam no banho nos rios que cercam a cidade, que alegra principalmente as crianças e adolescentes que tomam banho nos rios regularmente. Todas essas características da cidade de Afuá ainda sustentam uma vida social saudável e satisfatória.

As marés lançantes dos meses de fevereiro, março e abril enchem a cidade por uma ou duas horas cerca em alguns dias desses meses são um grande evento marca registrada do afuaense. As águas retornam mais fracas na lua cheia de cada mês, sempre resultando em festa. Os registros são veiculados nas redes sociais para divulgação da peculiaridade da vida daquele lugar. O quadro 3 mostra os relatos dos moradores que expressam orgulho por habitarem um espaço tão diferente.

## APROPRIAÇÃO

“lançante é festa”



criatividade



“identidade/estética”



“os menino pula”  
“é feriado”



“resta ao afuaense ser  
criativo”



“pode ver como as  
casas são bem cuida-  
das e pintadas”

## TRANSIÇÃO ESPACIAL

PRIVADO

SEMI-  
PRIVADO

SEMI-  
PÚBLICO

PÚBLICO



elemento simbólico  
de marcação de  
propriedade

## ESPAÇOS PÚBLICOS



- 1- praças;
- 2- rua de madeira;
- 3- rua de concreto;
- 4- diferenciação:  
fluxo/descanso;
- 5- feiras;
- 6- praçinhas;
- 7- estacionamento;
- 8- pista de pouso;

## GOSTA DE AFUÁ?

“-Deus o livre!”

“-muito”

“-eu amo Afuá”

“-eu digo que Afuá é um país”

“-é a melhor cidade do mundo!”

“-não me vejo morando em outro  
lugar”

Quadro 3 - Esquema que mostra os espaços públicos, sentimento da população em relação a cidade, as apropriações culturais (a festa) e a criatividade do povo afuaense.

## APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Um importante fator de mudanças na região são as determinações de políticas públicas formuladas na capital estadual ou na capital federal. Algumas delas já vem sendo adaptadas dada a impossibilidade de cumpri-las dentro de um município extenso e ligado por rotas fluviais. O serviço de saúde é oferecido através de ambulanchas, a limpeza das estivas é feita com carrinhos de mão, e é de responsabilidades de varredoiras (ou margaridas), a mobilidade é garantida por bicitáxi (ver quadro 4).

### A GESTÃO

<b>serviços adaptados</b>				<b>as varredoiras: mulheres contratadas pela prefeitura que varrem diariamente as ruas e removem ervas entre fissuras</b>
	embarcação com oferta de serviços para os ribeirinhos	ambulancha	carros de mão p/ retirada de lixo	
	<b>na sede:</b> - escolas regulares, que comportam o número de alunos;	<b>ensino:</b> - preparação para o ENEM; - preparação para ensino superior;	<b>problema:</b> - faculdades que chegam em Afuá são particulares; - mão de obra desqualificada tanto para cidade quanto para o campo;	
<b>educação</b>	<b>no interior:</b> - professores faltam e o ensino é modulado;			
<b>orientações</b>	<b>elite:</b> - remuneração mal; - contra programas assistencialistas (Bolsa Família); - tradicional x emergentes; - loteador;	<b>gestão:</b> - operação de regularização fundiária; - plano diretor participativo (não alcançou toda população); - opera em matriz diferente da realidade (funcionários de fora);	<b>população:</b> - baixa remuneração; - as bolsas possibilitaram valorização do trabalho na cidade e no campo; - maior parte vive de diárias; - desemprego;	

*Quadro 4 - A gestão também se adapta as condições da cidade e município para atender a população, mas ainda faz de forma incompleta sem conciliar as orientações dos atores envolvidos.*

O município emprega o máximo de trabalhadores, como estratégia político econômica para conter o desemprego. Mas essa decisão não tem muita efetividade dada a carência de uma estratégia educacional adequada para a vida na região, que qualifique o modo de vida tradicional como legítimo e genuíno. A escola formal é voltada para o Exame Nacional e para o ingresso em universidades; no entanto, quem não tem recursos para migrar para cidades fica excluído do mercado de trabalho qualificado, e paralelamente, desqualificado para trabalhar com o manejo tradicional de florestas, pesca e a agropecuária.

Há uma dificuldade por parte do poder público em reconhecer as atividades que historicamente trazem prosperidade para a região, pois a própria noção de prosperidade está contaminada pela ideia de desenvolvimento, modernização e progresso. Os agentes externos trazem consigo uma formatação diferenciada na aplicação de projetos e constituição de diretrizes para a gestão do município. A elite, embora reconheça a identidade local, recusa-se a valorizar o trabalhador rural e estigmatiza de preguiçoso o ribeirinho quando este não aceita a baixa remuneração oferecida. Embora exista uma proximidade maior das pessoas, a comunicação institucional não é eficaz, e o

poder público tende a buscar o máximo benefício tanto das articulações com as atividades industriais (visando tributos, contribuições para campanhas, etc.), quanto como as práticas de controle do trabalho tradicional (pagando a menor remuneração possível pela força de trabalho).

## Conclusão

Apesar do que expressam os indicadores nacionais, indicando uma avaliação negativa do município de Afuá, o percurso do texto apresenta evidências de que ainda existe uma correlação de forças no território (município e cidade), com componentes vinculados à diferentes racionalidades econômicas, modos de vida e visões de mundo. As transições observadas na paisagem da cidade apontam para diversas possibilidades de aproveitamento dessa diversidade. Contudo, diversas frentes atuam para enfraquecer as componentes que não respondem à visão hegemônica de desenvolvimento. A visão dos membros da elite local, sejam profissionais liberais, comerciantes ou gestores públicos, em alguma medida é mais articulada com elementos externos (a arrecadação tributária, a generalização das políticas, a possibilidade do lucro fácil e rápido), e tem dificuldade de acessar uma compreensão global dos impactos dos processos que desencadeia, no contexto local.

A população tradicional vê-se capturada por um estereótipo de incapacidade, sempre que é vista a partir da visão externa, e coloca-se facilmente de forma subalterna, abrindo mão de sua capacidade criativa, de suas habilidades de construção da dimensão coletiva que maximiza as interações sociais e de se relacionar de forma harmônica com a natureza. Embora o IDH de Afuá seja mais baixo do que o de outras cidades do arquipélago do Marajó, a experiência da vida cotidiana da cidade é muito mais aprazível, graças às características mantidas do modo de vida ribeirinho, apesar dos desafios tecnológicos existentes.

Os problemas urbanos são típicos, semelhantes aos observados em outros contextos - carência de solução de saneamento, expansão urbana não planejada, insuficiência de serviços, etc. – contudo, as soluções oferecidas demonstram que não existe compreensão da realidade local, nem interesse para o desenvolvimento de soluções comprometidas com o fortalecimento de tudo aquilo que já funciona bem no lugar.

Observa-se que a formação profissional e a agenda de pesquisa unilateral favorecem uma conversão econômica, tecnológica, cultural e socioambiental, que é recompensada com o aumento de investimentos na medida em alcança estágios mais avançados (dessa conversão). Isso condena Afuá a uma condição de não-lugar, algo invisível, que sofre pressões externas a partir de diversas frentes para negar sua essência e identidade, e principalmente, abdicar de sua história.

Afuá dificilmente alcançará um lugar de prestígio a partir do viés exógeno, sua única chance é tornar-se seu próprio centro, assumir suas vocações e manter a criatividade para solucionar os problemas decorrentes de sua condição periférica.

## REFERÊNCIAS

Adichie, C. The danger of a single story. (vídeo) Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)>. Acesso em: 15 Nov 2016.

Alexander, C., ishikawa, S.; silverstein, M. Uma Linguagem de Padrões. Porto Alegre: Bookman, 2013.

- Brenner, N. Theses on urbanization. In: BRENNER, N. (Ed.). *Implosions/Explosions – Toward a study of planetary urbanization*. Jovis Verlag, 2014.
- Corrêa Neto, J. S; Medeiros, J. M. Afuá: A Cidade-Palafita. Território e Espaço Público Entre Águas. In: *Anais da XVI ENANPUR*, Belo Horizonte, 2015.
- Dias, M. B; Silva, M. J. B. Afuá: Veneza Marajoara, Pará-Brasil. *Revista Geográfica da América Central*, Número Especial EGAL, p. 1-18, Costa Rica, 2011.
- IBEU. Índice de Bem-estar Urbano. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, Marcelo Gomes Ribeiro (Org.), 1ª ed, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- Jacobs, J. *A Natureza das Economias*. São Paulo: Beca, 2001.
- Jacobs, J. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. 3ª Edição. São Paulo. Martins Fontes, 2011.
- Limonad, Ester. Em Busca do Paraíso: Algumas Considerações sobre o Desenvolvimento. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, v.15, n.1, p. 125-138, Mai 2013.
- Lynch, K. *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- Maricato, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O. et al. *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 121-192.
- Mesquita, F.; Brandão, J. Desafios para proteção do patrimônio cultural ribeirinho na Amazônia: o caso de Afuá-PA. In: *Anais do II Congresso Internacional de Arquitetura e Sustentabilidade na Amazônia*. Manaus, 2016.
- Neves, I; Miranda, D. S. M. Vamos para as ruas! Uma experiência em Afuá, no arquipélago do Marajó, em Julho de 2013. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática – ANIMUS*, v.13, n. 25, 2014.
- Palheta, C. S. A; Rodrigues, C. I. A Casa da Afuá: Estética popular em uma cidade sobre palafitas. *IARA Revista de Moda, Cultura e Arte*, v.5, n1, Mai 2012.
- PNUD. Programa das Nações Unidas. Desenvolvimento Humano e IDH. Disponível em: <<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>>. Acesso em 15 Nov 2016.
- Santos, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- Stilgoe, Jack. Against excellence. *The Guardian*, 19 Dez 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/science/political-science/2014/dec/19/against-excellence>>. Acesso em: 15 Nov 2016.
- Watson, Vanessa. 'The Planned city sweeps the poor away...': Urban planning and 21st century urbanization. *Progress in Planning*, Elsevier, 72, p. 151-193, 2009.